

## INTRODUÇÃO

*“Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã”*

*Paulo Freire<sup>1</sup>*

Os textos reunidos nesta publicação representam alguns momentos de uma busca que iniciei há dezoito anos, impulsionada pela sabedoria generosa de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, com o propósito de equacionar os desafios da prática museológica em um país que não se cansa de procurar e repensar a sua identidade cultural.

Entendendo que a “**espera vã**” não permite aflorar os desafios e as transformações, procurei pautar os meus caminhos profissionais pelos questionamentos e experimentações, pois considero que a Museologia e os Processos Museais dependem de perguntas constantes e práticas reiteradas.

Estes caminhos, muitas vezes, abrigaram passos à frente e recuadas estratégicas, mas, o mais importante é que nunca perderam de vista o objetivo maior: permitir que a Museologia sirva de instrumento para a necessária articulação entre a preservação e o desenvolvimento.

---

<sup>1</sup> FREIRE, P. - “Pedagogia da Esperança - Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido”- Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

---

Assim, ao longo destas páginas, apresento algumas idéias para a construção epistemológica da disciplina aplicada Museologia; destaco questões referentes à metodologia de trabalho dos processos museais; indico, em um ensaio, os desafios da musealização nos museus tradicionais e, finalmente, divulgo as minhas impressões de viagem em relação à realidade museológica portuguesa. Trata-se, sem dúvida, de uma publicação com variáveis sobre o mesmo problema, ou seja: mapear os pressupostos de uma área de conhecimento, preocupada em entender os diferentes níveis de aproximação e estranhamento entre as sociedades e as suas referências patrimoniais.

Agradeço a Mario Moutinho, não só por permitir esta publicação, mas em especial pelos inquietantes desafios que me fizeram caminhar muito.

São Paulo, primavera de 1996.